

COEB 2014 CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Educação Integral e Tempo Integral: da Educação Infantil ao Ensino Fundamental



"RAIDAIDAI... RAIDAIDAI!" E AS MÚLTIPLAS FORMAS DE EXPRESSÃO: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS E DA CAPACIDADE DE RESOLVER PROBLEMAS DOS BEBÊS NO CONVIVÍO COM OUTROS BEBÊS

Ana Paula Gomes Cuzziol

Jader Janer Moreira Lopes

Programa de Pós-graduação em Educação da

Universidade Federal Fluminense

anacuzziol@gmail.com

Currículo

Leilane (19 meses) está muito alegre hoje. Senta-se no colchonete e pega uma boneca que lhe está próxima. Segura-a, olha-a por todos os lados e diz "ê-ê" (nenê). Felicita-se e bate palmas. Em seguida, com a boneca no colo, começa a balbuciar a canção "Parabéns a você". Em seguida, começa a balbuciar muito enquanto observa o entorno. Algum tempo depois volta a balbuciar a canção, só que agora procura bater as mãos da boneca uma contra a outra!" (14/11/11)

Leilane vivencia na brincadeira "o momento do parabéns", uma tradição que pertence ao seu contexto cultural, e é muito comum em nossa sociedade, como em outras, mas não em todas. Essa representação simbólica da cultura, em que Leilane canta parabéns e inclusive bate as palmas da boneca, demonstra que ela se engajou em um processo de aprendizagem cultural que lhe possibilitou vivenciar por si mesma uma tradição comemorativa de sua cultura.

Esse bebê sociocultural, como qualquer outro que vivencia a cultura e se apropria de seus artefatos, práticas e tradições e as ressignifica, pouco tem sido alvo da atenção e do interesse de nós pesquisadores sociais.

A partir de um levantamento bibliográfico realizado em sites de pesquisa acadêmica (Cuzziol, 2013) foi possível elaborar um breve panorama das pesquisas com bebês no Brasil, nos últimos anos. Os resultados encontrados abriram caminhos para necessárias reflexões e preocupações. A primeira delas se caracteriza pela

predominância de pesquisas na Psicologia e na Psicanálise, além da Medicina, Odontologia e Fonoaudiologia. A predominância das pesquisas nesses campos de conhecimento acabou por construir um olhar sobre esse momento da vida humana marcado por análises predominantemente universais do desenvolvimento e por suas condições biológicas, evidenciando, a partir de seus próprios objetos de estudos, uma lógica que desconsidera o caráter sociocultural, histórico e geográfico que nos constitui.

Por essa ótica, os bebês humanos seriam iguais em quaisquer contextos em que vivessem, passariam pelas mesmas etapas de desenvolvimento, constituiriam a si mesmos independentemente do espaço e do tempo em que se encontrassem.

A volumosa produção acadêmica dessas áreas contrasta com a segunda preocupação: a escassez de pesquisa na área educacional, antropológica e em outras áreas das ciências humanas e sociais, justamente as áreas que contribuiriam muito para o estudo sobre bebês sob a ótica social, pois possuem o *corpus* teórico baseado no estudo dos intercâmbios sociais, da cultura, da formação histórica do sujeito e que vêm tecendo críticas aos seus próprios objetos de estudos nas últimas décadas. O acúmulo desses estudos, advindos das disciplinas sociais, poderia contribuir para a sistematização de postulados que construiriam possibilidades de encontros epistêmicos e de diferentes formas de conceber a infância, assim como de trilhar outros caminhos possíveis para que os bebês e seu "ser e estar no mundo" sejam interpretados e compreendidos.

Academicamente, a visão de bebê como "bebê biológico", como nomeamos, visto como humano pequeno em estatura, guiado por necessidades vitais, indefeso, egocêntrico, imaturo e incapaz cognitivamente prevalece. Porém, felizmente alguns teóricos sociais apontam para direção contrária ao afirmar que os bebês, por pertencerem à espécie humana, carregam desde o nascimento o legado da cultura e estão aptos para vivê-la (Tomasello, 2003).

Acreditando nesse potencial humano desde o nascimento e pautada em autores que o legitimam (Vigotiski, Stern, 1992, Tomasello, 2003), na presente pesquisa nos propomos a desconstruir a visão de "bebê biológico" que necessita percorrer etapas do desenvolvimento em direção à capacidade de viver social e culturalmente, ao mesmo tempo em que buscamos evidenciar a importância da interação social entre bebês. Para isso, realizamos uma pesquisa de inspiração etnográfica em uma Unidade Municipal de Educação Infantil no município de Niterói-RJ, que permitiu inúmeras horas de observação e vivência ao lado de bebês de 7 à 20 meses.

Os resultados evidenciaram o quanto os bebês desde muito cedo estão empenhados em viver socioculturalmente. Neste sentido destacamos quatro competências, nomeadas inicialmente com o termo " a disponibilidade e capacidade dos bebês em ...": 1. interagir e aprender com os bebês, 2. comunicar-se sem o uso de palavras, 3. resolver problemas, 4. aprender com e sobre a cultura. O presente artigo apresenta duas dessas competências, a capacidade do bebê em comunicar-se sem o uso de palavras e de resolver problemas.

Raidaidai é um balbucio, uma forma de expressão, de comunicação, enfim a maneira como David Michel encontrou para mostrar à educadora que estava faminto.

Como é demonstrado na nota de campo a seguir, concomitantemente à expressão oral que varia quanto à intensidade, altura, inflexão, ressonância, articulação e muitas outras características, aparecem outras formas de expressão relacionadas à dimensão corporal. Enfim no contexto social o bebê mobiliza todo esse complexo expressivo para se comunicar com os demais. Em tais oportunidades presenciamos a admiravel "atuação comunicativa sem palavras" dos bebês, ou como caracteriza Vigotiski (2006) "a uma situación social de desarollo única, irrepetible, de gran originalidade".

É hora do jantar. Alguns bebês são colocados nos cadeirões. David Michel (12 meses) levanta os braços, pedindo para ser colocado em algum cadeirão. Como não há mais cadeirões disponíveis, a educadora o coloca em um carrinho de bebê ao lado do último cadeirão da fileira e começa alimentá-lo. David está com tanta fome que abre a boca rapidamente para a próxima colherada, antes mesmo de terminar de engolir a papinha da primeira. E se a educadora demora, diz "Raidaidai-Raidaidai". Mas a certo momento Elisangela, que também está com fome, começa se manifestar por meio de "vocalizações". A educadora deixa o potinho de David na bandeja - que está em frente ao carrinho dele - e pega outro potinho para alimentá-la. Quando a educadora sai da frente do David e dá dois passos a esquerda -segurando o potinho - o olhar dele acompanha essa trajetória, enquanto os lábios se mexem parecendo degustar o alimento que ainda estava na boca. Quando a educadora pára em frente ao cadeirão de Elisangela (12 meses) e ele parece ter percebido que aquele potinho de comida não era para ele - David instantaneamente franze a sobrancelha, começa a mexer os braços enquanto diz incisivamente "Iata!Iata!Iata!...". A educadora lhe diz "Agora você vai ter de esperar", mas não adianta, ela retorna em seguida e David logo abre a boca. (28/05/12)

A ausência de palavras ou da comunicação verbal *não impede e não dificulta* as atuações do bebê diante do meio. O bebê sempre utiliza seus múltiplos recursos para se comunicar com o outro, seja para transmitir uma satisfação, seja uma insatisfação, seja

para compartilhar uma alegria ou para resolver um problema. A disponibilidade para se comunicar está sempre presente e estritamente relacionada ao contexto sociocultural, enquanto as capacidades cognitivas, sociais e expressivas estão à disposição para serem utilizadas a qualquer momento. David Michel conseguiu alcançar seu objetivo de comer sem ter de falar "eu estou com fome", mas utilizando outros recursos comunicativos. Levantou os braços para ser pego no colo, balbuciava "Raidaidai" na demora da comida, "franziu a cara" quando percebeu que não era ele que seria alimentado. E não faltam indícios dessa capacidade comunicativa incrível dos bebês, a qual diversos autores corroboram com dados (Stern, 1992; Tomasello, 2003; Vigotiski, 2006).

Estávamos aproveitando o sol na varanda. Eu, sentada, encostada na parede da porta da sala, Leilane (18 meses) sob minha perna esquerda, observando quem cruzava a porta para o lado de fora. Louan (20 meses) se aproxima com uma chupeta, eu pergunto "Louan, esta chupeta é da Leilane?". Louan apenas entrega a chupeta (que não era dela) à colega. Leilane a segura. Louan entra na sala e segundos depois retorna com outra chupeta (a chupeta da Leilane) e a coloca na boca da colega. Louan entra na sala e Leilane permanece sentada no meu colo, com a chupeta na boca e uma bexiga na mão. Louan reaparece, Leilane ri. Entra na sala e reaparece na varanda, Leilane ri novamente. Algum tempo depois de Louan não mais retornar, aparece Maicon (16 meses) e observa a colega. Leilane bate com a bexiga na cabeça de Maicon e ri. Maicon entra na sala, reaparece na varanda, Leilane ri. A brincadeira se repete mais três vezes e ambos riem. (25/10/11)

O bebê humano, desde o nascimento, se coloca inteiramente disponível a se apropriar do mundo onde nasceu. O processo de aprendizagem desse meio lhe impõe perguntas e os bebês lhe retornam com respostas, que talvez fujam da nossa imediata compreensão e da esperada maneira com a qual estejamos acostumados. Mas as sutilezas e suas peculiares "múltiplas expressões" mostram que estão atentos ao mundo e sabem se comunicar muito bem.

A interação entre Hygor e Yasmin, particularmente nos surpreende. A transcrição realizada abaixo não consegue transmitir o tocante elo comunicativo nãoverbal que os uniu naquele momento:

Yasmim (15 meses) retorna à creche após muito tempo de afastamento devido à recorrentes quadros de febre associados à outros sintomas. Este dia de retorno foi bastante complicado, Yasmim chorou diversas vezes ao longo do dia, mesmo sendo acolhida pelas educadoras. O que parecia lhe trazer mais tranquilidade era o balanço e o acolhimento do bebê conforto. No final da tarde, após o banho foi colocada pela educadora em um bebê conforto. Lá permaneceu durante muito tempo, de forma tranquila, serena observando o entorno. Até que, Hygor

(21 meses) se aproxima e senta-se ao lado de Yasmim. Observa-a, e com sua mão direita segura a mão direita de Yasmim, que passa a olhá-lo. Ele aperta duas vezes a mão de Yasmim, e ambos olham para as mãos "entrelaçadas". Hygor retorna seu olhar ao rosto de Yasmim, solta a sua mão, levanta-se e se afasta. Yasmim observa o distanciamento do amigo. (06/12/11)

A interação já ocorria algum tempo, quando começou ser captada pela câmera. Os segundos de filmagem, apesar da rapidez captam a expressividade do olhar, da sutileza dos gestos, do intercâmbio comunicativo ocorrido sem fala.

Hygor e Yasmin nos apresentam a admirável capacidade de os bebês de expressarem a máxima possibilidade comunicativa sem o uso de palavras. Dos dezenove bebês dos GREIs 0 dos anos pesquisados, a grande maioria utilizava para se comunicar vocalizações pré-verbais (quando as utilizavam) e apenas 3 ou 4 dos bebês ao final dos anos correspondentes estavam mais avançados na aquisição da linguagem verbal e "se arriscavam" a falar algumas palavras para fazer solicitações, para mostrar algo ou a pedido da educadora.

A partir do estudo das formas de comunicação dos GREIs 0, foi possível ver que os bebês mobilizam os seguintes recursos expressivos para se comunicar entre si: a aproximação do outro, rastejando, engatinhando, movendo-se com as costas e o bumbum; o toque, para acalentar, para manusear, ou para bater; o olhar "duradouro"; as vocalizações, "murmurinho" ou gritos, entre outros.

Dentre todos os recursos corporais, destaco em particular o olhar, que está relacionado à capacidade de atenção dos bebês. Stern (1992) destaca a precoce capacidade dos bebês em utilizarem o olhar como forma não somente de estabelecer a comunicação, mas mantê-la:

Quando observamos os padrões do olhar mútuo da mãe e do bebê durante este período de vida (3 aos 6 meses), estamos observando duas pessoas com facilidade e controle quase iguais sobre o mesmo comportamento social. À luz disso, torna-se óbvio que os bebês exercem um controle maior sobre o início, manutenção e término e evitação do contato visual com a mãe; em outras palavras, eles ajudam a regular o contato (Stern, 1992, p. 17)

Nos dois anos da pesquisa, percebi quanto os bebês dos GREIs 0 possuíam uma capacidade de atenção muito aguçada que os levava a direcionar seus olhares — curiosos — ao foco de atenção de maneira duradora e sintonizada com o que estava ocorrendo. Tomasello (2003) afirma que a atenção é um tipo de percepção intencional, são escolhas voluntárias a fim de satisfazer objetivos. Dessa forma, bebês escolhem intencionalmente

prestar atenção a certas coisas e não a outras. A partir da minha vivência em campo, percebi que essa atenção aguçada, intencional como nos ensina o autor, aparecia ou era focada em processos/eventos sociais/comunicativos na sala, seja com o adulto, com outro bebê ou com o coletivo. Ou seja, as evidências indicam que o foco de atenção do bebê está favorável para interações sociais, como eu costumava dizer para as educadoras "os olhos dos bebês sempre se direcionam para onde há gente!".

Há evidências não somente da disponibilidade dos bebês para interagir, mas para compartilhar a atenção do outro. Aos nove meses, os bebês humanos começam a realizar comportamentos que buscam compartilhar sua atenção com o outro em relação a uma entidade externa. Esse processo é chamado por Tomasello (2003) de *atenção conjunta*. Antes disso, aos seis meses de idade os bebês interagem diadicamente com o objeto e, quando há pessoas em sua volta, costumam ignorá-las. Segundo o autor, o mesmo ocorre quando os bebês estão interagindo diadicamente com o adulto, se há objetos ou brinquedos em sua volta, eles costumam ignorá-los.

Entre os nove e doze meses de idade, começam aparecer os comportamentos triádicos que envolvem um complexo de habilidades de interações sociais composto pelo bebê, pelo adulto e pelo objeto.

A situação prototípica nessa idade é a dos bebês pela primeira vez começarem a olhar, de modo flexível e confiável para onde os adultos estão olhando (acompanhamento do olhar), se envolver com eles em sessões relativamente longas de interações sociais mediadas por um objeto (envolvimento conjunto), usar os adultos como ponto de referência social e agir sobre os objetos da maneira como os adultos estão agindo sobre eles (aprendizagens por imitação). Em suma, é nessa idade que pela primeira vez os bebês começam a "sintonizar" com a atenção e o comportamento dos adultos em relação a entidades exteriores. Num comportamento relacionado com o anterior, por volta desta mesma idade as crianças também começam a dirigir ativamente a atenção e o comportamento dos adultos para entidades exteriores usando gestos dêicticos como um objeto e segurá-lo para mostrá-lo a alguém. [...] a criança não quer apenas que algo aconteça, mas realmente deseja compartilhar a atenção com o adulto." (TOMASELLO, 2003, p. 86-87)

Na vivência com os GREIs 0, pude perceber que grande parte das interações entre os bebês possui como "estopim" um determinado objeto ou brinquedo. As evidências absolutamente apontam que bebês são capazes de se "sintonizar" com a atenção e o comportamento de outro bebê em relação a entidades exteriores, seja um brinquedo ou outro objeto. Se Tomasello (2003) compõe a tríade com o adulto, o bebê e o objeto, aqui apontamos para a capacidade dos bebês em se envolverem em cenas de

atenção conjunta, composta pela tríade bebê-bebê-objeto. São tríades diferenciadas, mas compostas pelos processos citados pelo autor (Tomasello, 2003), como acompanhamento do olhar, envolvimento conjunto, referência social, aprendizagem por imitação.

A interação descrita abaixo entre Estephani e Leilane expressa justamente esse potencial "silencioso" dos bebês, em que a atenção é compartilhada e os olhares dizem muito:

Era um dia incomum, apenas três bebês haviam ido a UMEI. Enquanto as educadoras cuidavam de dois bebês no fraldário, Estephani (20 meses) estava comigo na sala brincando com o cavalinho azul. Resolvi ligar a câmera, inverti a direção da tela para que ela pudesse se ver e lhe perguntei "quem é que aparece aqui, Estephani?". Ela observou, sorriu e levantou os ombros para cima (expressão tímida - parecia ter se reconhecido). Ficou em pé no cavalinho, apontou para a tela e disse "Ati". Leilane (18 meses) aparece do lado direito do vídeo já com a sobrancelha franzida e dá dois tapas na colega. Estephani senta-se no cavalinho. Leilane olha para ela mesma na tela da filmadora, olha para a Estephani e bate no cavalinho. Ambas se olham e Estephani diz "aãe" (mamãe). Leilane levanta a mão para bater em Estephani novamente. Nesse momento, chamo "Leilane". Leilane olha para câmera desviando dessa forma seu foco de atenção. Estephani olha para mim/câmera e comemora dizendo "Eeeeeeee", depois fecha o olhar, franze as sobrancelhas e encara Leilane, demonstrando todo o seu desagrado. (10/11/11)

A interação entre Estephani e Leilane exemplifica a defesa de Stern (1992), de que desde muito cedo na vida humana, as interações sociais são muito mas que eventos puramente cognitivos, mas interações que envolvem a emoção e a regulação do afeto. A integralidade humana composta pelas suas intrínsecas dimensões (cognitiva, afetiva, física, emocional, entre outras) se revela na interação dos bebês com outros bebês ou pessoas de maior idade.

Ademais, a vivência entre Estephani e Leilane aponta para outro fator importantíssimo que os bebês sabem utilizar bem os recursos expressivos para manifestar sua singularidade constitutiva perante a singularidade daquele que interage com ele.

Defendo que os recursos comunicativos do bebê disponíveis nesse momento da vida lhe possibilitam, com total tranquilidade, expressar, nas interações sociais, quaisquer sentimentos/sensações, sejam vontades, desejos, desagrados ou insatisfações, entre outros. Como pudemos ver na última nota de campo, em que Leilane expressa intensamente sua "braveza", enquanto Estephani parece vivenciar múltiplos

sentimentos, primeiramente tenta entender por que a colega havia lhe batido, depois a observa, sorri e comemora quando desvio a atenção de Leilane e, por último "fecha a cara" e demonstra todo o aborrecimento.

Bebês são competentes para se expressar e estabelecer uma comunicação com outros bebês. Isto é o que demonstra a maioria dos dados coletados e estudados.

É como afirma Stern (1992, p. 17): a capacidade de comunicação é incrível sem a fala, um bebê sabe muito bem afirmar sua independência e dizer um decisivo não, seja desviando o olhar aos quatro meses, seja por gestos ou entonação vocal aos 7 meses, seja correndo aos 14 meses, seja pela fala aos 2 anos.

Até então, compartilhamos de um bebê não somente disposto, mas também competente para interagir com adultos e com outros bebês; que não desenvolveu a linguagem oral, mas dispõe de outros recursos para se comunicar (o olhar, a expressão facial, os gestos, o corpo, entre outros) e que sabe utilizar muito bem esses recursos para expressar sua singularidade, seus sentimentos e suas sensações nas interações sociais.

Nesse panorama que caracteriza a interação entre os bebês, outra competência se acrescenta: *a capacidade de resolver problemas*.

Primeiramente, para ocorrer algum "problema" nas interações entre os bebês, percebi, que na maioria das vezes, havia algum objeto/brinquedo envolvido na relação. Segundo, pude notar o problema se instaurava a partir do momento em que ocorria discordância entre as formas expressivas (o que eu quero é diferente do que você quer ou você fez algo de que eu não gostei) e/ou em que disputavam o objeto presente na situação.

No caso de Elisangela, Flávio e Danilo o objeto envolvido foi uma chupeta, como descrito na nota abaixo. As ações de Elisangela em defesa a sua chupeta e a surpreendente capacidade de atenção de Danilo questionam a visão de passividade e dependência do bebe para com o adulto para resolver fatos do cotidiano.

Já é hora da saída. Os bebês estão no tapetão brincando e aguardando suas famílias. Elisangela (12 meses) está no bebê-conforto, quando Flávio (11 meses) — usando sua própria chupeta — passa engatinhando por ela e pega a chupeta dela, que havia caído no bebê conforto entre suas pernas. Elisangela acompanha com o olhar sua chupeta que agora está nas mãos do colega-bebê que engatinha pouco menos de meio metro e senta-se de costas para o bebê-conforto onde está Elisangela. Flávio, sentado, encontra um pente e então, com a mão esquerda penteia os cabelos, enquanto a mão direita permanece apoiada no chão segurando a chupeta da colega. Elisangela se debruça no

bebê-conforto e puxa a camiseta do ombro direito de Flávio, sacudindo-o e o observa. Depois bate a mão três vezes no chão próximo a sua chupeta. Flávio parece não perceber. Elisangela levanta a cabeça, sua expressão parece de frustração. Então ela, com a cabeça erguida, olha para um lado da sala, olha para o outro e chora para chamar a atenção. A educadora se aproxima e diz "Flávio, dá a chupeta da Elisangela. Cadê a chupeta da Elisangela? Dá para ela, dá". Flávio olha atentamente para a educadora. A educadora pega a chupeta da mão dele e entrega-a a Elisangela, que recebe a chupeta e não desvia o olhar do colega.

Novamente ele se aproxima e tira a chupeta da boca dela e joga-a no bebê-conforto. Elisangela pega a chupeta e a oferece a Flávio, mas, quando ele aproxima a mão, ela retira a chupeta, para depois lhe oferecê-la novamente. Flávio engatinha e se aproxima de Danilo, que está com um brinquedo na boca, e tenta tirar também o brinquedo do colega, mas Danilo (12 meses) é rápido e logo põe a mão para trás para esconder o brinquedo. Então Flávio vai embora, engatinhando pela sala. (22/06/12)

Tais problemas ocorrem pelas discordâncias características da própria vida social composta por tantas singularidades que, suponho, poderiam ser causa para o rompimento da interação e do afastamento dos bebês, inúmeras vezes seguiram na direção oposta. É admirável poder presenciar, em diversas situações, bebês procurando resolver problemas que surgem nas interações com seus colegas, dentro de suas possibilidades comunicativas. Se há problemas, se há o impasse, sempre há a tentativa de resolução entre eles. Os bebês estão empenhados na vida social e descobrem desde muito cedo que nessa empreitada há desafios que envolvem um acordar constante entre singularidades e coletividade. A vida entre bebês dos GREIs 0 lhes possibilitou tal descoberta, e os bebês de ambas as turmas se mostraram extremamente competentes para enfrentar esses desafios ou os problemas que surgiram na relação com outro bebê, por si mesmos, *a priori* sem solicitar a ajuda de um adulto. Esse "exercício" dos bebês de resolverem problemas gerados nesses próprios encontros são excelentes oportunidades para aprender com/sobre outro, sobre a relação de alteridade.

Nesse espaço de vida iniciante a vida acontece intensamente. Não somente pelo dinamismo permeado por relações e vivências impossíveis de serem previstas, ou evitadas, carcteristica dos berçários e creches, mas pela frequência e intensidade das relações sociais entre os próprios bebês.

A comunicação não verbal entre Yasmin e Hygor, já descrita anteriormente, nos mostra que, desde cedo, os bebês possuem um vida subjetiva que não é somente *possível* de ser compartilhada com o outro bebê ou com o adulto, mas é *desejada* de ser compartilhada com o outro.

Cabe a nós educadores e/ou pesquisadores superarmos o legado do "bebê biológico" e nos disponibilizarmos para enxergar tais capacidades sociais dos bebês. A grande dificuldade de compreensão "do que os bebês têm a dizer", não está na ausência da linguagem verbal deles, entretanto, muitas vezes, na ausência de nosso olhar atento e de uma escuta aguçada às múltiplas e peculiares formas de expressão dos bebês. Colocar-nos a disposição para compreender os bebês em sua integralidade e especificidade (sociocultural) humana, já é um grande passo rumo a resignificação da imagem dos bebês, a retirada progressiva do silenciamento acadêmico, a superação do ranço assistencialista e a ressignificação de nossas práticas educativas nas diversas instituições de atendimento a crianças pequenas.

Palavras-chaves: interações entre bebês, comunicação entre bebês, resolução de problemas

Referências Bibliográficas

CUZZIOL, A. P. G. "Pequenos-Gigantes" entre si: notas etnográficas acerca da capacidade e da disponibilidade dos BEBÊS em viver socioculturalmente. 2013.155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê:** uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TOMASELLO, Michael. **As origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTISKI, Lev Semionovich. **Obras escogidas**. Tomo IV. Psicologia Infantil. Madrid: Machado Libros. 2006.

VIGOTISKI, Lev Semionovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTISKI, Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Trad. Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP** [online], vol.21, n.4, pp 681-701, 2010.